

Rapsódia verde: as comemorações do jubileu de prata integralista e a manutenção de seu passado/presente (1957-1958)¹

Green rhapsody: Integralist silver jubilee celebrations and the maintenance of its past/present (1957-1958)

Rodrigo Christofoletti*

Resumo

O artigo focaliza as celebrações do jubileu de prata integralista. Entre 1957 e 1958 promoveu-se uma série de eventos comemorativos do movimento fundado em 1932. Com o compartilhamento de sua cultura política, o integralismo vinculado ao Partido de Representação Popular (PRP) projetou estratégias e eventos que objetivaram a manutenção de sua presença e aderência militante. Tais investidas foram marcadas pela realização de dois eventos especiais: o XVI Congresso Nacional do PRP em Vitória (ES), em julho de 1957, e as festividades dos 25 anos do Movimento Integralista, que ocorreram durante o mês de outubro do mesmo ano. Ambas as celebrações marcaram a retomada ritualística do integralismo, fator que acentuou ainda mais sua já contraditória presença no período pós-guerra.

Palavras-chave: Integralismo; Partido de Representação Popular; jubileu de prata integralista.

ABSTRACT

This article looks at the commemorations of the integralist silver jubilee. Between 1957 and 1958 the integralists promoted a series of events to celebrate the trajectory of the movement, founded in 1932. Sharing its political culture, the integralism linked to the Popular Representation Party (PRP) designed strategies and events that focused on maintaining its presence and activists. This was marked by two special events: a) the Sixteenth National Congress of the PRP in Vitória (ES) in July 1957; b) the festivities of the 25th anniversary of the integralist movement – held in October of the same year. Both celebrations marked the ritualistic resumption of integralism, a factor that further accentuated the already contradictory Integralist presence in the post-war period.

Keywords: Integralism; Popular Representation Party; Integralist silver jubilee.

*Doutor em História Política e Bens Culturais (FGV/RJ-CPDOC). Professor da Universidade Católica de Santos (UniSantos). Campus D. Idílio. Avenida Conselheiro Nébias, 300 – Vila Mathias. 11015-002 Santos – SP – Brasil. r.christofoletti@uol.com.br

INTEGRALISMO À PAISANA – RUPTURAS OU CONTINUIDADES?

Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1957. Todos os assentos do Teatro João Caetano estavam completamente lotados quando uma tocha negra empunhada por um idoso e uma adolescente fardados com vestimenta verde cruzou a passarela do salão de espera do teatro. Era o archote da geração, bastião que representava a passagem de poder das gerações do movimento que comemorava aniversário. Todos foram ver o *rapsodo integralista* sustentar sua retórica. Por todos os lugares do teatro, se viam simpatizantes, curiosos e desafetos de Plínio Salgado, que do alto do palco, na plenitude de seus 62 anos, ergueu o braço direito e com a mão estendida gritou para a catarse geral do salão. Mais de mil braços direitos foram erguidos. O coro foi uníssono: três Anauês! A saudação exclusiva ao chefe! Era a comemoração que marcaria o retorno simbólico integralista no pós-guerra.

A Tribuna da Imprensa

Rapsódia é uma celebração. Pode ser o prenúncio de uma novidade, a rememoração eloquente do passado ou a exaltação de algo entendido como glorioso. Nas celebrações integralistas do período pós-guerra, Plínio Salgado, em cenas de retórica e persuasão, objetivava mimetizar os *rapsodos*. Suas aparições públicas eram eivadas de teatralizações *rapsódicas*. Nelas havia a anúncio, a variação dos temas, a intensidade dos discursos e, para os aderentes, a catarse, o transe. Erguendo a tocha integralista, Salgado declamava poemas e trechos de membros influentes e anônimos do movimento, todos de cor, como se contasse em prosa uma epopeia. Celebrações como a descrita nesta epígrafe sempre foram comuns no integralismo. Mas os episódios apresentados neste artigo tiveram para o movimento um caráter redefinidor.

O integralismo atravessou o período do Estado Novo na ilegalidade e com o fim do regime iniciou uma intensa movimentação política. Porém, a conjuntura nacional e internacional impunha uma série de dificuldades para a eventual articulação de um partido que lembrasse as doutrinas totalitárias recém-derrotadas na guerra. O fim do Estado Novo resultou na busca de uma nova estrutura legal. Então, as condições de associação política alteraram-se. Nesse momento, o cenário político caracterizou-se pela agitação das diversas siglas de menor representatividade que, no processo de democratização, adquiriram o direito de concorrer pelas vagas do Legislativo e do Executivo nacionais. Após a derrocada de Vargas, siglas foram recriadas, partidos rearticularam-se

e, no bojo desse novo cenário de redemocratização, surgiu um partido que, embora estigmatizado por sua atuação anterior, tentou transformar alguns de seus princípios políticos visando à aproximação com o eleitorado que reconquistava o direito de voto. Tratava-se da sigla liderada pelo ex-líder integralista, Plínio Salgado.

A cartografia partidária ensejada pela abertura democrática consolidou um novo perfil político. Surgiram partidos de contornos bastante diferentes, dentre os quais se destacaram a UDN, o PSD, o PTB e o PCB. Ao lado dos grandes partidos, articularam-se pequenas siglas que, no mais das vezes, gravitavam sob as influências dos primeiros. Foi o caso do PRP (Partido de Representação Popular), herdeiro da AIB (Ação Integralista Brasileira). Embora sem alcançar a mesma dimensão da AIB, o PRP teve intervenção relevante no processo político, possuindo uma militância convicta e um patrimônio eleitoral não muito elevado, mas bastante sólido.

Sem alcançar a mesma dimensão da AIB, o PRP teve importância a se julgar pela representatividade do partido em 18 estados da Federação. Politicamente, o Programa do PRP pregava a “consagração intransigente da defesa da ordem democrática, baseada na pluralidade partidária e na garantia dos direitos fundamentais do homem”,² uma adaptação natural aos programas democráticos vigentes, cujo objetivo era a manutenção da sigla. Socialmente, a militância do PRP era em sua maioria proveniente de dois setores: os médios urbanos e o de pequenos proprietários rurais das regiões de colonização italiana e alemã, sobretudo oriundos da região Sul. O PRP centrou-se no anticomunismo, no nacionalismo e no espiritualismo, além de defender a centralização do poder.³ Durante os seus quase vinte anos de atuação parlamentar (1945-1965) configurou-se como uma das agremiações políticas mais controversas do período, centrando foco nas articulações de bastidores da política nacional.

O chamado “integralismo do período pós-guerra” pode ser dividido em quatro fases distintas:

1945-1952: momento em que o partido se afirma politicamente com suas alianças;

1953-1957: período de radicalização e autonomia partidária, momento que culmina com as retomadas das simbologias integralistas;

1958-1961: período em que se constrói um eixo institucional, abraçando a participação dos integralistas no governo JK, e surgem alianças com o PTB de Leonel Brizola, Lott e João Goulart;

1962-1964: a última fase, cuja dinâmica se deu frente a um realinhamento conservador e uma ativa participação na articulação do golpe de 1964.

Adotando num primeiro momento um vocabulário diferenciado dos tempos progressos, os *perrepiristas* (integralistas vinculados ao PRP) apresentaram-se como um grupo que não possuía nenhuma identificação com os fascismos/totalitarismos, buscando justificar sua conversão à forma partidária com base em uma justificativa controversa: para eles, sua posição no tabuleiro democrático se legitimava pela opção efêmera que fizeram de se distanciar de seu passado. Portanto, no decênio 1945-1955 o chamado ‘novo’ partido integralista amenizou seu discurso, objetivou distanciar-se da pecha autoritária que possuía e apresentou-se aos brasileiros como uma alternativa política possível.

No entanto, após a candidatura de Salgado à Presidência da República em 1955, e, sobretudo, a partir das celebrações dos 25 anos do integralismo, em 1957, que o movimento chamou de “retomada de seus símbolos mais caros”, o PRP passou a chamar mais a atenção do panorama político vigente. Percebe-se, então, como alguns membros vinculados ao novo partido integralista focaram suas forças em diversos eventos, objetivando reintroduzir no cotidiano de sua militância um sistemático enaltecimento dos rituais, símbolos e adereços integralistas anteriormente cultivados. O cumprimento *Anauê!*, o símbolo Sigma (Σ), as vestimentas militares esverdeadas, seu hinário e manifestações de apreço e subserviência ao chefe, Plínio Salgado, bem como, e sobretudo, as *galinhas verdes* (adjetivo jocoso dado aos integralistas pela esquerda antifascista, e que posteriormente foi incorporado como o mais popular símbolo do movimento) seriam reintroduzidos no imaginário integralista como signos relevantes. Portanto, foi com a retomada de seus rituais já característicos (elementos ligados à AIB) que o movimento voltou a ser notícia.

De forma geral, o jubileu de prata integralista ofereceu a oportunidade para realizar, em praça pública, o cultuado calendário de manifestações integralistas, herdado da década de 1930: a “Vigília da Nação”, alusiva ao I Congresso Nacional do Integralismo, realizado em 1934; pouco depois as “Matinas de Abril”,⁴ celebração que relembra a primeira grande marcha integralista na capital paulista, ocorrida em 1933; em 7 de outubro, a “Noite dos Tambores Silenciosos”,⁵ que marcava o lançamento do *Manifesto de 32*. Todas essas datas comemorativas foram retomadas em 1957-1958. Era preciso rememorar o que para o integralismo havia sido um período de júbilo, de preferência pintando com cores menos carregadas alguns episódios que pudessem comprometer a nova feição do movimento.

Esses integralistas vinculados à retomada simbólica de finais da década de 1950 se destacaram por oscilarem entre dois aspectos: o reacionarismo e o conservadorismo. Como reacionários, possuíam como característica maior uma predisposição à intransigência, a incapacidade de aceitar mudanças de qualquer natureza. Como conservadores, ameaçados por tais mudanças, tiveram dificuldades em flexibilizar muitas de suas propostas, justamente por elas não corresponderem às demandas vigentes.

Elemento relevante para essa discussão é o papel que o integralismo *perrepista* deteve no período estudado. De 1945, quando o Partido de Representação Popular (corolário da Ação Integralista Brasileira) foi criado, até 1955, ano em que Plínio Salgado concorreu à Presidência da República, obtendo mais de 700 mil votos, a postura do *perrepismo* foi mediada por uma progressiva retomada das ações e discurso radical que outrora caracterizou o integralismo. A imagem que o integralismo quis construir frente à opinião pública, ora suavizando, ora acentuando os tons do debate com seus detratores, pode ser exemplificada pela maneira como a militância passou a vender sua autoimagem, migrando de uma postura egocêntrica (só o integralismo salva) para outra, talvez, mais maleável (o integralismo pode salvar com a ajuda de outros, desde que o nacionalismo, o anticomunismo e o acatamento ao passado integralista sejam respeitados).

No entanto, o ano de 1957 se tornou paradigmático para o integralismo, pois, a partir das celebrações dos 25 anos de sua criação, a intelectualidade do partido debruçou-se sobre a história do movimento no sentido de uma retomada de muitos de seus adereços e alegorias pregressos. Aqui, categorizamos como intelectuais do movimento integralista nomes que de alguma maneira se vinculavam ao projeto de recondução de sua ideologia, como alguns correligionários do PRP, poucos integralistas da década de 1930 e alguns representantes dos “Águias Brancas”, a juventude integralista. Essa reapropriação é o ápice de um processo mais amplo que se intensificou a partir de 1953, com a constituição de um período marcado pela autonomia partidária do PRP e pela constituição das entidades extrapartidárias ligadas ao movimento (como a Confederação dos Centros Culturais da Juventude e a União Operária Camponesa Brasileira, dentre outras), seguido por episódios relevantes como a candidatura de Salgado ao governo do Rio Grande do Sul, em 1954, e à Presidência da República, em finais de 1955. Portanto, a retomada da ritualidade integralista e seus corolários só podem ser entendidos se mediados por esses acontecimentos.

Também é relevante o fato de a base militante e alguns intelectuais do

movimento demonstrarem grande insatisfação frente aos rumos partidários, a ponto de reclamarem a ausência de uma identidade própria. Os festejos dos 25 anos, bem como as respostas às acusações dos grandes jornais, forneceram portanto o tema para uma campanha de revalorização do integralismo. A celebração não se alimentou apenas das questões públicas (os festejos populares), mas também da materialidade expressa na vendagem de seus produtos. A compra de suvenires despertava no simpatizante a manutenção de sua lembrança e o sentimento de pertencimento ao integralismo, o que estimulava a permanência cotidiana dessa cultura material. Se a imprensa de circulação nacional posicionou-se contrariamente ao reaparecimento da ritualidade integralista, a mídia impressa do integralismo, por sua vez, destinou um significativo espaço para a propaganda de sua doutrinação e a vendagem de seus produtos.

Sofisticaram-se, também, as estratégias de ampliação da militância, o que incentivou os integralistas a criarem, em alguns anos, um calendário rememorativo que contemplava festas populares, simulações históricas, constituição de novos órgãos ligados ao movimento, bem como a produção de uma série variada de produtos que ostentavam a marca integralista. De caixas de fósforos às formas de gelatina, doces e bolos, de cigarros a broches, passando por louças e leques, a série de produtos foi bastante variada.

Figura 1 – Comportamento de “prenda e rifa!”. Plínio Salgado na Abertura da Exposição Histórica do Integralismo, 1957.



Foto: Arquivo Público Municipal de Rio Claro, SP. Acervo Plínio Salgado.

Com o intuito de promover atividades que ensejassem a partilha de sua cultura política calcada em sua rede de sociabilidades, o partido avançou nas investidas, projetando estratégias e eventos que viabilizassem uma reviravolta na sua atuação político-partidária. Assim, redefinindo pontos de choque com a postura da década de 1930, os integralistas *perrepistas* do pós-guerra buscaram na sua estruturação elementos que reafirmassem seu aparato ritualístico e mítico e mantiveram uma oposição ao comunismo cada vez mais acentuada, supervalorizando adereços, ritos e símbolos como força motriz para sua caminhada política.

Nesse sentido, a delimitação temporal do tema proposto (1957-1958) justifica-se por esse período representar o auge de uma postura que vinha se desenhando havia alguns anos e que conheceu em finais da década de 1950 sua forma mais acabada. Diante desse panorama apreenderemos os mecanismos utilizados pelo integralismo a partir de 1957, seus significados simbólicos e sua inserção na sociedade da época, destacando elementos que atuaram como mediadores entre tempos, espaços e memórias diversos.

A CELEBRAÇÃO COMO ARTEFATO DA MEMÓRIA

Para subsidiar esta discussão acerca das relações entre memória e história, alguns historiadores têm informado sobre o aprofundamento e a pluralidade com que essas categorias de análise têm sido construídas. Nesse sentido, a dinâmica do produtor/reprodutor/gerenciador de memórias diante dessa profusão de *memorialismos recuperados* (sobretudo nestes últimos 50 anos) corrobora a ideia de que nunca antes a memória foi tão historicizada e a história se *memorializou* tanto. Atualmente, a memória tornou-se um capital simbólico: passou a gerar direitos e, com isso, proporcionou aos estudiosos uma diversidade de focos de análise e campos operacionais, sobre os quais se distingue um vocabulário próprio (os chamados jargões do campo social da memória). Isso possibilitou interpretar práticas memoriais, culturais, sociais e suas circularidades, auxiliando o historiador na busca e interpretação de sua escrita, narrativa, estatuto de atuação e fronteiras (limite e contato), bem como suas políticas de vida: elementos que geram densos conflitos.⁶

Longe dos ‘presentismos’ que, vez por outra, seduzem os historiadores obrigando-os a recriar *historicidades modismos* – como lembra E. Hobsbawm –, a discussão sobre a relevância e o papel da memória nos dias atuais sinaliza a escolha, por parte considerável da historiografia, de eleger como foco de suas preocupações os chamados *lugares da memória* que nascem e vivem do senti-

mento de que não há memória espontânea, e que por isso torna-se urgente criar arquivos, manter aniversários e organizar celebrações, justamente porque essas operações mnemônicas não são naturais. É, nesse sentido, a defesa de uma *memória refugiada* sobre focos privilegiados. Pois, como afirma Pierre Nora (1995, p.13), “sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria”. São eles, os *lugares da memória*, portanto, bastiões sobre os quais se escora toda a escolha do lembrar.

No caso específico do integralismo brasileiro do período pós-guerra, a relação existente entre os que *memorializavam* as façanhas do integralismo e os que vivenciavam essa memória criada (intelectuais do movimento e militantes), sempre como baluarte a ser reverenciado, pode ser interpretada como exemplo pontual de *gestão de passados*. Portanto, tais memórias integralistas são aqui interpretadas como ato e sentido, pois esses integralistas da segunda metade do século XX utilizarão suas relações sociais, suas redes de sociabilidade para buscar uma solidez calcada na cristalização de sua memória. A constante evolução dessa memória incentivou a ação da *anamnese* (ato proposital de rememorar/evocar memórias) por parte desses sujeitos/agentes, instrumento de recondução de seus preceitos e suas propostas mais significativos.

As transformações sociais, culturais e simbólicas das décadas de 1940 a 1960 exigiam que os indivíduos, as famílias e as novas classes procurassem não no passado mas no presente a sua legitimação. E, como nos alerta Fernando Catroga na sua ideia da *representificação do ausente*, se por um lado as comemorações parecem ser um “culto nostálgico e regressivo”, por outro “o passado é oferecido como arquétipo ao presente e ao futuro, pelo que, embora o rito insinue uma concepção repetitiva e cíclica, o seu significado último é determinado pela crença na irreversibilidade do tempo” (Catroga, 2009, p.98).

Os integralistas, contrariando a ordem natural vigente na época e remando a jusante da corrente, insistiram na preservação do passado como legitimador de suas ações. Buscaram em seus antecedentes guarida para suas realizações. Esses integralistas lançaram mão de estratégias de cooptação que incluíam, entre vários eventos, ritos coletivos de recordação que se consubstanciavam em cerimônias cada vez mais afetivas. Buscando respostas otimistas às suas questões mais perturbadoras, os integralistas tentaram, então, replicar uma questão central: qual seria o destino do integralismo, ou melhor, a vocação do integralismo como destino? O imaginário e as representações dessas respostas encontraram no final da década de 1950 palco privilegiado para serem postos em prática.

A culminância desse processo se deu nas celebrações dos 25 anos do mo-

vimento integralista, projeto que visou reavivar as *automemórias do movimento*, recriando, rememorando, ressignificando chagas que se mostravam doloridas para seus membros, havia muito tempo. Uma construção que ecoou ora como uma crônica de um futuro anunciado, ora como um repente de um passado que não queria passar. As celebrações aparecem, então, como apanágio de um grupo com relativa expressão mas grande pretensão política, servindo de exemplo paradigmático e catalisador desse imaginário integralista que funcionou como fonte e referência para aqueles que ainda viam no movimento algo de inspirador.

Os integralistas operaram nesse sentido, selecionando memórias que entendiam como relevantes para a perpetuação de seus discursos. Não é despropositado o fato de eles terem buscado perenizar tais memórias a partir de sua rede oficial de comunicações e de sociabilidade, sobretudo seus jornais proselitistas, que a despeito da pequena penetração cumpriam fielmente um papel memorialístico. Os guardiões da memória integralista, nesse sentido, exemplificariam a dialética entre lembrança e esquecimento, presente na história do movimento. Isso porque construíram narrativas, selecionando e enquadrando o que devia, segundo sua ótica, ser lembrado e esquecido, atuando permanentemente com a memória.

Em oposição ao *passado que insistia em não passar* criaram-se novas perspectivas, abordagens e maneiras de se mostrar o movimento. O integralismo instituiu, então, mecanismos para ser reavaliado pela sociedade, utilizando estratégias que redimensionaram a percepção de seus propósitos pela sociedade civil. A pecha de provocadores de ressentimentos e a certeza inabalável de que não possuíam mais espaço de destaque foram decisivas para que tais celebrações fossem encaradas simultaneamente como tábua de salvação do discurso integralista e uma proposta de sobrevivência política. Essa foi a maneira adotada pelo “integralismo perrepista” para expandir e perenizar suas memórias.⁷

No momento em que os membros do movimento eram acusados de não possuírem propostas adequadas nem para o presente nem para o futuro, tais manifestações consubstanciaram-se num suporte para a divulgação das suas atividades, uma proposta ordenada da leitura de mundo dos integralistas. O seu presente era, antes, espelho de seu passado. Duas celebrações em especial corroboram essa assertiva. Foi a simbiose dessas duas comemorações que redefiniu o caráter simbólico do movimento integralista pós-1957.

O CONGRESSO DE VITÓRIA E AS CELEBRAÇÕES DO JUBILEU DE PRATA INTEGRALISTA

No momento em que diversos setores da sociedade civil permaneciam contrários à lembrança do integralismo extremista da década de 1930 e que os membros do movimento eram acusados de não possuírem propostas adequadas nem para o presente nem para o futuro, a retomada dos preceitos, rituais e adereços mais caros do integralismo foi o alvo perseguido pelo movimento visando uma melhor aceitação de sua militância fragmentada. As celebrações do jubileu de prata integralista reacendem os ânimos de sua base militante. Comungando uma leitura de mundo particular, em que a partilha de sentimentos e convicções era o centro de seu ideário, o integralismo do pós-guerra esteve intimamente ligado a essa partilha, num período cada vez mais adverso à sua presença no cenário político. Portanto, a solidificação das redes de sociabilidade fez que os integralistas do período conseguissem realizar um projeto de readerência de parte da militância. Os velhos militantes, nesse momento, passaram a ser mais importantes que a opinião pública sobre o movimento. Afinal de contas, o integralismo do PRP começava a perceber que desde sua fundação e até aquele momento ainda não havia encontrado sua identidade. Daí a aposta em reacender a militância fervorosa da década de 1930 como tábua de salvação para sua manutenção política.

Porém, a atmosfera de redemocratização então vivida pelo país passou a afirmar cada vez mais que o integralismo representava, metaforicamente, uma doença que não poderia mais ser hospedada no corpo da sociedade. As eleições presidenciais de 1955 foram um importante teste para o partido, tendo se constituído em fator decisivo para que a sigla empreendesse coalizões que ajudariam a compor a geografia partidária de fins da década de 1950 e também dos anos 60. Após a votação alcançada pelo PRP nesse pleito, o partido procurou apresentar-se à sociedade de maneira mais veemente, restabelecendo alguns de seus adereços e rituais mais conhecidos, como a simbologia do Sigma e a mística integralista. Se no momento do retorno democrático (década de 1940) o lema do partido foi o de esconder seu passado, o final da década de 1950 prenunciou o resgate de sua imagética e de sua ritualística mais antigas.

A promoção desses eventos foi fomentada por uma aguda radicalização contra a esquerda e um surpreendente abrandamento com relação ao liberalismo, o que indicava uma postura ambígua da sigla. De 1957 em diante, a rememoração do passado integralista teve como intuito básico traçar um paralelo entre sua atuação da década de 1930 e uma projeção de presente e futu-

ro, espelhada em uma suposta pujança pregressa. Tratava-se de dividir as angústias e os projetos comuns. Nesse sentido, o XVI Congresso Nacional do PRP em Vitória, no Espírito Santo, foi o episódio inaugurador da retomada simbólica do integralismo no pós-guerra.

Realizado de 26 a 28 de julho de 1957 nas dependências do palácio da Assembleia Legislativa do estado do Espírito Santo, em Vitória, o conclave daria suporte às comemorações integralistas que se prolongaram por mais de seis meses. Tal evento inaugurou o cronograma festivo das celebrações do movimento. Subjacente estava o debate a respeito de qual seria o lugar do integralismo naquele momento. Nasceram desse período as primeiras manifestações jocosas sobre um “integralismo curupira”, no sentido de que este retomava o passado como manutenção de força. Os pés para trás do personagem folclórico brasileiro foram utilizados como mote para ironizar os detratores integralistas. Em resposta aos achincalhamentos recebidos, o integralismo fortaleceu suas manifestações ritualísticas, em que foram apropriados diversos elementos do período anterior (década de 1930).

Se até 1955 as Convenções foram organizadas visando objetivos relacionados apenas à organização interna do partido, que se resumiam, na maioria das vezes, a pequenas disputas de ordem doméstica – como a homologação de novos correligionários e diretórios, a expulsão de alguns descontentes, ou até mesmo tímidas estratégias de cooptação eleitoral –, na segunda metade da década a perspectiva perrepista passou a incluir uma postura doutrinária e propagandística mais agressiva. A preocupação exclusiva com a organização interna do partido cedeu espaço às novas estratégias de aproximação eleitoral.

A propaganda e a ritualística visaram consolidar a militância que naquele momento se encontrava dispersa, descrente e pouco atuante, em um cenário muito menos receptivo que o desejado pelos perrepistas. Esses fatores estimularam o integralismo a focar na reconvocação dos antigos militantes. Ao lado da autoavaliação partidária, organizaram-se diversos encontros que objetivavam a elaboração de um plano político-doutrinário que cumprisse a função de dotar o PRP de uma identidade visual menos neutra, vinculando cada vez mais o partido à já conhecida simbologia integralista. O XVI Congresso Nacional constituiu-se em parte importante dessa autoavaliação frente às reações de uma parte significativa da militância perrepista, preocupada com a fragilidade da sigla no contexto político.

Figuras 2 e 3 – Capas de *A Marcha*, 5 jul. 1957 e 15 maio 1958.



Mas, por que esse episódio foi tão significativo para o integralismo do pós-guerra? Algumas deliberações do encontro redefiniram substancialmente o rumo de sua política. Foram discutidos: o novo plano de propaganda doutrinária do partido; a multiplicação dos diretórios; sua posição no âmbito nacional e estadual; as realizações futuras; as eleições do ano seguinte (1958) e a possibilidade de lançar a candidatura de Plínio Salgado para o Legislativo Federal. Digno de destaque foi o anúncio de ingresso do PRP no governo JK, o que gerou enorme impacto diante dos militantes mais antigos, causando decepção entre uma parcela significativa de correligionários mais ortodoxos. Entretanto, dentre as matérias votadas, uma mereceu especial relevo: o retorno da simbologia do Sigma (Σ) como emblema oficial do PRP, proposta encaminhada pelo Conselho Político Nacional, órgão de assessoria vinculado ao Diretório Nacional do partido.

De 1945 a 1957, a insígnia oficial do PRP havia sido um sino envolto pelo mapa do Brasil, que para os perrepistas significava o “tilintar das novas gerações integralistas por todo o país”. A proposta foi recebida com entusiasmo pela mesa diretora, que a comunicou aos pares, obedecendo a este protocolo: Salgado pediu que todos se levantassem, pois tinha em mãos uma proposta que

modificaria definitivamente o perfil do PRP. A formalidade do chefe, seu ar grave e sério, criou enorme expectativa entre os presentes. Em pé, amparado pelo encosto da cadeira central da mesa diretora, mãos trêmulas em riste, Plínio Salgado leu em voz alta a referida proposta,⁸ “O Conselho Político Nacional pede deferimento para que seja substituído o nosso atual emblema do partido pelo Sigma, símbolo de uma doutrina que, nem o tempo, nem as circunstâncias haviam apagado”.⁹

Politicamente, esse ato revestiu-se de um significado especial para a cúpula do partido: o PRP passava, a partir daquele momento, a novamente se identificar com o símbolo maior da Ação Integralista Brasileira (AIB), marca indelével de uma posição reacionário-conservadora. Os perrepistas assumiram, de maneira incondicional, que sua reestruturação partidária necessitava dessa reaproximação com os símbolos dos tempos da AIB, no sentido de avalizar sua recepção por parte de seus devotados militantes. O partido buscou então sua reafirmação no passado. Se em 1945 o PRP se afastara desse passado para se adaptar às novas diretrizes da democracia e fugir da incômoda comparação com o fascismo, em 1957 o apelo tornou-se outro.

Os integralistas entenderam ser preciso buscar antigas identificações. É relevante que o PRP tenha retomado a ritualística e os adereços integralistas. Por meio deles, ícones do antigo movimento como o Sigma, o hinário e o arquite (chama da transição geracional), sem falar da *galinha verde*, que seria transformada em *águia branca*,¹⁰ possibilitariam que tais símbolos permanecessem presentes como elementos significativos de identificação política do PRP. A rememoração de um passado entendido por seus aderentes como exultante tornou-se uma prática corrente, e a fusão de elementos simbólicos do integralismo da década de 1930 com a atuação política dos anos 50 ensejou a (re)criação de uma ritualística própria. Nesse momento, os perrepistas valem-se da metáfora da transformação, do ressurgimento das cinzas do ostracismo político, tal como Fênix, a ave mitológica grega. Essa metáfora passou a sustentar-se de maneira bastante sólida a partir de meados dessa década.

A CELEBRAÇÃO DE UM PASSADO REDIVIVO

Em finais de agosto de 1957 começou a idealizar-se um cronograma de festividades que visava dar notoriedade ao jubileu integralista. A sugestão de um calendário de celebrações visava compartilhar a história do movimento,

sensibilizando a sociedade para o retorno das roupagens do velho integralismo. Tal cronograma coincidiu com a retomada do calendário oficial do movimento, datado da década de 1930.

O jornal *A Marcha*¹¹ publicou o quadro de atividades da “Semana do 7 de Outubro”. A veiculação do “Programa das Festividades” foi intensa durante todas as semanas do mês de setembro. Durante a primeira semana de outubro previu-se uma programação específica para cada dia. Dos eventos arrolados no calendário, um merece enfoque especial: a “Exposição Histórica do Integralismo”, que, de acordo com as fontes disponíveis (fontes partidárias e jornais de grande circulação carioca), congregou “milhares de pessoas” nos cinco dias em que foi aberta ao público. Realizada no Salão Assírio do Teatro Municipal do Rio de Janeiro,¹² essa exposição refazia a trajetória histórica do movimento, expondo centenas de suvenires e mais de trinta quadros explicativos sobre o seu aparato simbólico. É lícito apontar que, para o simpatizante integralista, vinculado ou não ao PRP, o sentido da comemoração e da exposição de sua história era dotado de um caráter ‘reformador’, pois restituía o sentimento disperso de pertencimento desses indivíduos.

Não obstante, a organização dos preparativos do evento demonstrou que as comemorações de outubro de 1957 visavam atingir não apenas os antigos militantes – as “fileiras verdes”, como eram costumeiramente designados por seus correligionários –, mas a sociedade em geral. Exemplar nesse sentido foi o registro da significativa presença de populares na exposição integralista. A organização da Exposição disponibilizou um caderno de presenças na entrada do Salão, visando obter um diagnóstico do perfil do público assistente. Nesse sentido, entende-se que o grau de participação popular nas festividades serviria como teste para aquilatar sua receptividade às propostas do PRP.¹³

Entretanto, a ausência de marcos significativos da história do integralismo nesse calendário suscita questionamentos. A data em que se comemoraria a intentona integralista contra o Palácio Guanabara (madrugada de 11 de maio), ataque surpresa que visava à retirada do poder das mãos de Vargas, não foi sequer lembrada. Note-se como o direcionamento das festividades permitia apenas a rememoração de fatos considerados jubilosos pelos integralistas. A releitura do material de propaganda dessa exposição dá a impressão de pleno êxito integralista, justamente por não se mencionarem os fracassos ou as contradições do movimento, como se ambos não fizessem parte de sua história. O *putsch* (intentona), as dissidências, a vinculação fascista, nada disso aparecia,

a não ser como argumento de contraposição de seus adversários, ou como atestado de que o integralismo havia sido maltratado pela oposição.¹⁴

Segundo dados da imprensa de grande circulação nacional,¹⁵ a cúpula do PRP, em conjunto com o grande contingente militante integralista, lotou as dependências de todas as celebrações ocorridas. Teria sido assim em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras cidades brasileiras de menor porte. Essas celebrações estenderam-se até abril do ano seguinte.¹⁶ Ao longo de 1958, registraram-se outras efemérides. Sempre contestadas nos jornais da época, tais celebrações acabaram por chamar ainda mais a atenção para aquele antigo/novo integralismo.¹⁷

A ritualística integralista, desde sua institucionalização, era vasta e visava, além da contraposição comunista, a propaganda para a arregimentação de novos militantes, motivo pelo qual era ostensivamente divulgada. Os desfiles e concentrações integralistas pretendiam constituir-se em demonstrações de força do movimento. Nesse sentido, seis meses depois, a celebração da “primeira marcha integralista”, corolário natural das festividades, se consolidou como o segundo episódio em importância da lista de celebrações do Jubileu. Tal desfile inflamou a militância adormecida e movimentou a imprensa de grande circulação, que viu no acontecimento possibilidades de utilização propagandística. A rememoração durou três dias (24, 25 e 26 de abril de 1958), desdobrando-se em vários momentos.

No primeiro, houve a cerimônia de “boas-vindas” ao “sol nascente”, apresentação da retomada do movimento. Dois dias depois, procedeu-se à simulação da histórica passeata integralista, seguida do encerramento oficial das comemorações. Voltava-se ao local da marcha, a cidade de São Paulo, onde o núcleo dos ex-correligionários do Sigma juntou-se aos afiliados perrepietas e admiradores no intuito de realizar a cerimônia. Embora os organizadores previssessem um significativo comparecimento de seus simpatizantes, algo com que os integralistas não contavam terminou por provocar uma situação constrangedora para seus pares: inviabilizada por uma tempestade que caiu sobre a cidade de São Paulo, as celebrações de “boas-vindas ao sol nascente” e da “primeira marcha integralista” tiveram para seus simpatizantes um desfecho nada favorável.

Figura 4 – Vista parcial da simulação da Primeira Marcha Integralista. São Paulo, abril de 1958. O jornal integralista noticiou milhares de pessoas. A fotografia mostra dezenas.



Foto: Arquivo Público Municipal de Rio Claro, SP. Acervo Plínio Salgado.

Em ambas as comemorações o convidado especial faltou ao encontro. No exato momento em que se obedecia ao protocolo, pontualmente às cinco e meia da manhã do dia 24 e, depois, novamente na manhã do dia 25, torrenciais tempestades acabaram por afugentar o pequeno contingente integralista que, prostrado, defronte ao salão da Escola Paulista de Medicina, cantou o hino do movimento, sob o olhar atento e sarcástico da meia dúzia de jornalistas que cobriam os eventos. Triste coincidência para os integralistas, significativa simbologia para seus adversários. Estiveram presentes na solenidade do dia 24 de abril os repórteres dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Folha da Manhã* e *Última Hora/SP* e da sucursal paulista do periódico carioca *O Globo*. Além dos jornais, as revistas *Manchete* e *Maquis* também cobriram o “vexame integralista”, como, aliás, passou a ser conhecido o malsucedido encontro. A presença da imprensa de grande circulação demonstra que o espectro integralista ainda interessava aos meios de comunicação: “o integralismo, por mais jocoso que possa mostrar-se ainda é notícia”. Tanto era assim que Assis Chateaubriand, referindo-se ao episódio, assegurou: “O chute no cachorro morto, que não estava tão morto assim”.¹⁸

As comemorações encerraram-se em uma sessão solene presidida por

Plínio Salgado e assistida por centenas de pessoas. Interessante notar que até o dia 15 de abril, uma semana antes de sua realização, a sessão estava confirmada para acontecer no Salão Nobre da Associação Paulista de Futebol, sublocada à Rádio Record. Ocorreu, porém, um sintomático episódio. Às vésperas da realização do evento, os planos integralistas foram frustrados pela quebra do acordo firmado anteriormente com o diretor da emissora, supostamente simpatizante do comunismo. Este, dias antes da cerimônia, indeferiu o pedido de empréstimo do Salão de Audiência da Associação de Futebol. A única saída para os integralistas foi buscar um novo local para a realização do evento. Tal episódio confirmou a generalizada insatisfação de alguns setores da sociedade para com o retorno da alegoria política integralista. Essa oposição não se restringiu à imprensa escrita. O estigma com relação ao integralismo permanecia o seu maior adversário.

Figura 5 – Plínio Salgado discursa no encerramento das comemorações dos 25 anos da Primeira Marcha.



Foto: Arquivo Público Municipal de Rio Claro, SP. Acervo Plínio Salgado.

A simbiose de dois fatores colaborou para que se desencadeasse essa campanha de oposição declarada ao movimento. Primeiramente, o arraigado sentimento antiplinista ainda era fomentado por vários de seus adversários, dentre eles, alguns empresários de comunicação. Em segundo lugar, a figura emblemática de Luís Carlos Prestes continuava a representar uma significati-

va força política, além de uma ‘pedra’ na trajetória plinista. No embate direto entre comunistas na ilegalidade e integralistas em processo de reformulação, os primeiros venceram o *round*.

Com o “puxão de tapete comunista” – frase atribuída a Salgado – comprovou-se que a receptividade do líder integralista e do PRP perante a sociedade civil continuava controvertida. O que ocorreu em São Paulo evidenciou-se em larga escala por todo o país. O episódio do cancelamento no Salão da Associação Paulista de Futebol ilustra a rejeição que Salgado atraía para si. De maneira efetiva, a gama de insatisfeitos com a presença integralista nos ‘moldes passados’ não se restringiu aos comunistas.¹⁹

As celebrações tiveram para o integralismo um saldo positivo, pois recolocaram o movimento no cenário político nacional, a despeito de toda a contrariedade manifesta pela grande imprensa. O ressurgimento da alegoria e da ritualística integralistas, por meio de suas efemérides, reconduziu o movimento às páginas dos principais jornais brasileiros. O integralismo não só voltou a ser notícia, como passou a ocupar lugar de destaque nas discussões promovidas pela imprensa, instituindo-se novamente como foco de importância da política nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os mecanismos de ação militante e doutrinal descritos neste artigo fizeram emergir uma questão que apenas as fontes escritas não deram conta de responder: por que os integralistas voltaram ao cenário partidário nacional do período estudado municiados de um discurso entendido pelos não integralistas como passadista e não vanguardista, como seria de se esperar de um grupo que objetivava a manutenção de sua permanência, em um cenário – diga-se de passagem – contrário às pretensões de grupos de discursos e ações radicais, como era o dos integralistas?

O integralismo da década de 1930 pregava um nacionalismo sectário, uma postura antialianças e a manutenção de um Estado corporativo, bem como alimentava a certeza de que era o único partido nacional que possuía as credenciais para apresentar um projeto de Nação, segundo suas palavras, “realmente plausível”. Assim, redefinindo (a seu modo) pontos de choque com a postura da década de 1930, os integralistas *perrepistas* de finais dos anos 50 buscaram na sua estruturação elementos que reafirmaram seu aparato ritualístico e mítico. Mantiveram uma oposição ferrenha ao comunismo e concen-

traram-se em supervalorizar seus aspectos simbólicos, como força motriz para sua caminhada política. O foco foi atingir a atenção da antiga, mas dissipada, desmotivada e desmantelada militância.

É relevante que nesse período questões legitimadoras dos estatutos de democracia, nacionalismo, partido político e militância, entre outros elementos constituintes da redemocratização, voltariam a ganhar importância, o que fez a permanência do integralismo no cenário nacional ser questionada. O integralismo forçou-se então a modificar sua mensagem e seus preceitos doutrinários, no momento em que a atenção da sociedade estava voltada para a reconquista de direitos civis e políticos que lhe haviam sido extirpados: dentre eles, a livre iniciativa política, a liberdade de voto e de coligações partidárias.

Nos doze primeiros anos de sua atuação (1945-1957) o Partido de Representação Popular (PRP, veia partidária do ‘novo (?) integralismo’) procurou afastar-se de todos os preceitos que lembrassem a primeira atuação integralista. No entanto, a partir de 1957, o que antes era um discurso diluído passou a ser conduta do movimento, o qual agiu desde então como incentivador da rememoração de um passado, entendido por eles como ‘glorioso’, no qual o integralismo ocupara lugar de destaque. Perceba-se, portanto, que o vetor simbólico do movimento integralista sempre foi maior que sua própria representação política (o Partido de Representação Popular), pois foi menos o partido, e mais a ação simbólica do movimento quem, de fato, financiou essa retomada. O movimento procurou, então, aproximar-se dos ritos, alegorias e símbolos oficializados no integralismo da década de 1930 como forma de reafirmar o movimento que perdia cada vez mais adeptos. Desse quadro complexo foi possível depreender que as celebrações dos 25 anos do integralismo surgiram como uma tentativa de propagandear a retomada ideológico-ritualística do movimento, apresentando-se à sociedade como um *corpus* que objetivava a permanência no tabuleiro político.

Sumarizando, as rememorações do passado integralista mimetizaram as teatralizações *rapsódicas*. Nelas a aderência e a catarse dos simpatizantes puderam ser medidas pela ampla divulgação que a imprensa deu ao aparato ritualístico integralista de 1957-1958. Os episódios apresentados neste artigo tiveram para o movimento um caráter redefinidor, configurando-se como um ‘divisor de águas’ da práxis integralista. Percebe-se, assim, que as celebrações fizeram parte da institucionalização de práticas simbólicas postas a serviço da

sacralização cívica do movimento, de seu tempo e espaço como agentes e lugares de memória.

Buscou-se, aqui, colaborar para um maior aprofundamento da temática, estimulando e construindo, assim, um panorama mais acurado da trajetória do *ethos* integralista no período pós-guerra.

NOTAS

¹ Parte deste artigo é uma adaptação do primeiro capítulo da tese intitulada *A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)*, defendida em agosto de 2010 sob orientação da prof^a dr^a Marieta de Moraes Ferreira. O autor é educador/pesquisador da USP no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos e membro fundador do Grupo de Estudos sobre o Integralismo (Geint).

² Programa do PRP, 1945, p.1.

³ Ver: “Suplemento da militância”, *A Marcha*, out. 1957, p.13.

⁴ A comemoração das *Matinas de Abril*, originalmente a primeira cerimônia do calendário integralista, acontecia simultaneamente em todos os diretórios integralistas do país, pouco antes do raiar do sol. Este era um significativo elemento na simbologia da transição de poderes do movimento: a passagem da experiência para juventude, a nova geração integralista.

⁵ A celebração da “Noite dos Tambores Silenciosos” ocorreu pela primeira vez durante o I Congresso Meridional Integralista de 1935, em Blumenau (SC). Com o tempo, a cerimônia passou a ser considerada como a mais importante do calendário integralista. Ver: SALGADO, Plínio. “A Noite dos Tambores Silenciosos”. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n.74, p.3, 12 out. 1935. Informação reeditada em *A Marcha*, p.6, 15 nov. 1958.

⁶ Tal como nos ensinam os textos de: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993; RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. v.III. Campinas (SP): Papyrus, 1997, p.124; CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990; ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978; HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990; LE GOFF, Jacques. “Passado/Presente”. In: ROMANO, R. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984; CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da História*. Coimbra: Almedina, 2009; _____. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001; _____. Ritualizações da História. In: TORRAL, Luís Reis; MENDES, José Amado. *História da História em Portugal (Séculos XIX-XX): da historiografia à memória histórica*. Lisboa: Temas e Debates, 1998, p.221-361.

⁷ “O passado que não queria passar” tornou-se o mote das campanhas anti-integralistas, resposta à sua revitalização. Ver: WEINER, Samuel. [sem título]. *Última Hora*, p.8, 18 nov. 1958.

⁸ GULLO, Damiano. [sem título]. *A Marcha*, 7 ago. 1957, p.6.

⁹ “O Encontro do novo integralismo: a volta do Sigma”. *A Gazeta*, Vitória, p.6, 29 jul. 1957.

¹⁰ Os Centros Culturais da Juventude, que surgiram publicamente a partir de 1952, constituíram a mais vasta organização extrapartidária criada pelo integralismo entre 1945 e 1965. Os centros aglutinavam-se através da Confederação dos Centros Culturais da Juventude e desenvolviam atividades como a promoção de comemorações cívicas e de palestras sobre assuntos doutrinários e políticos. Os jovens integralistas militantes dos centros culturais passaram a se designar “Águias Brancas”, em contraposição à designação jocosa de “galinhas verdes” pela qual eram chamados por seus adversários.

¹¹ Folha semanal substituta do diário *Idade Nova*, jornal oficioso do partido até 1951.

¹² Foram consultados *A Marcha* e os jornais *O Globo*, *Tribuna da Imprensa*, *Última Hora* e *A Noite*, edições da semana da comemoração.

¹³ Ver: “Caderno de Presença da Exposição Integralista”, out. 1957. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Histórico Municipal de Rio Claro. O caderno de presença da Exposição Histórica do Integralismo foi pouco referenciado, e apenas algumas matérias de jornais da época chegaram a notificá-lo. Embora em péssimo estado de conservação, traz informações valiosas com relação à presença de populares no festejo.

¹⁴ Série de artigos intitulada “A verdade contra a mentira”. *A Marcha*, na semana da comemoração.

¹⁵ Neste caso analisamos os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Folha da Manhã*, *da Noite e da Tarde*, *Diário Popular*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Tribuna da Imprensa*, *A Notícia*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias/RS* e *O Globo*.

¹⁶ De acordo com a pesquisa de Gilberto Grassi Calil fundamentada no jornal *A Marcha*. Ver: CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel (PR): Ed. Unioeste, 2010, p.256.

¹⁷ “Por água abaixo...”. *Última Hora*, p.14, 23 abr. 1958.

¹⁸ “Coisas de S. Paulo, coisas do Brasil”. Coluna de canto de página assinada pelo próprio Assis Chateaubriand. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, edição de maio de 1958.

¹⁹ “A Sessão Solene do Jubileu de Prata da Primeira Marcha Integralista terá que transferir-se para outra localidade. Tudo isso porque seu diretor é um comunista. Por interferência do senhor Luis Carlos Prestes, o auditório que já havia sido reservado para nossa comemoração, foi, de última hora, negado, com o claro intuito de sabotagem”. *A Marcha*, 21 jul. 1958, página central, grifo meu.

Artigo recebido em setembro de 2010. Aprovado em março de 2011.